

na mesma praça e no mesmo banco, há 60 anos

Pedro Estavam de Siqueira, o mais antigo bancário do Brasil, funcionário emérito do BANCO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE SÃO PAULO. Bateu todos os recordes de permanência em seu pósto: está no mesmo banco e na mesma praça, há 60 anos.

Seu cargo, nosso gerente regional em Campinas.



Tem a mesma idade do BCI. Ou, para sermos francos: é quatro meses mais moço.

Mas, este Pedro não pára. Não parou. Evoluiu com o Banco. O passado é uma lembrança, não uma idéia fixa. Mostra, com orgulho, a dinâmica realidade atual do BCI: 232 agências, centros eletrônicos de processamento, quase um milhão de clientes, mais de cinco mil funcionários. E mostra-se comovido quando lhe é dito que o Banco, na sua pessoa, quer homenagear a dedicação e o esforço destes milhares de colegas, dos quais a grande maioria jovem tem a idade dos seus filhos, dos seus netos.

Só depois de olhar em torno, olha para trás. Evoca o núcleo inicial do Banco: "Éramos cinco: gerente, contador, caixa, escriturário, contínuo".

Retratos antigos são desengavetados, espalham-se pela mesa as figuras pioneiras. Ele é o mais moço dentre todos, colarinho alto, paletó almofadinha, sua póse de rapaz. Mostra um quadro a óleo na parede.

Naquele tempo, o ECI funcionava num sobrado colonial, localizado no mesmo ponto onde, hoje, ergue-se o grande prédio da filial. No pavimento superior, exatamente onde agora é a sala do gerente Pedro, havia um quarto. E no quarto morava com dezenove anos e muitas esperanças, o escriturário Pedro.

Ganhava, então, 150 mil réis por mês. Quase o preço do cafezinho que nos oferece. Hoje, além de gerente regional, é acionista. "Tudo o que economizo ponho na casa". A casa. É como ele chama o Banco.

— Qual a sua maior alegria na casa?
— Quando o Banco resolveu negar-me aposentadoria.

É um homem de ação. Prova-o a decisão do Banco em não aposentá-lo e, ainda, um fato surpreendente que ele revela, sorrindo, para inveja do repórter: "Todos os domingos vou à Hípica. Montar a cavalo".

Tem 8 filhos, 21 netos, um bisneto. Em música, os clássicos. Mas, não esconde o seu agrado "pelas coisas desse menino, o Chico "Buarque". Seu gosto pelo futebol é



justificado em detalhes: sampeulino, escala o zagueiro Roberto Dias, depois de Pelé, como o maior craque brasileiro. Aprecia TV, sim, porém ainda prefere uma boa prosa a qualquer programa em exibição.

A boa prosa continua. Isto era para ser anúncio. Virou reportagem.



Pedro se exprime fluentemente, com firmeza. Mas, sem perder um tom de suavidade que todos os gerentes bancários do mundo deveriam aprender. E, além deste português campineiro, cheio de sotaque, ameno e amigo, conhece inglês e francês. Melhor o último, que aprendeu para servir ao Banco: "Éramos procuradores no Brasil do Crédit Lyonnais".

Gosta de ler. Cita os autores, os livros, comenta os estilos. "De todos prefiro o Eça. E, do Eça, prefiro "A Cidade e as Serras". Na arte, como na vida. Não é por acaso que está em Campinas, rodeado de serras, há tanto tempo.

Se fôsse agora o mesmo rapaz de 1909? Pedro responde que começaria tudo de novo. Na mesma praça, Campinas. No mesmo banco, o Commercio e Industria.

Banco do Commercio e Industria de São Paulo S/A

- um amigo da família -

Fundado em 1889

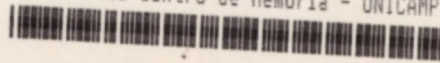
Matriz: Rua XV de Novembro, 289-São Paulo — 232 Agências em todo o País

Agência Central de Campinas: — Rua General Osório, 1.043

NA MESMA praça e no mesmo banco, há 60 anos. O Estado de S. Paulo.

São Paulo, 21 nov. 1968.

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE031100

10-11.2.1968

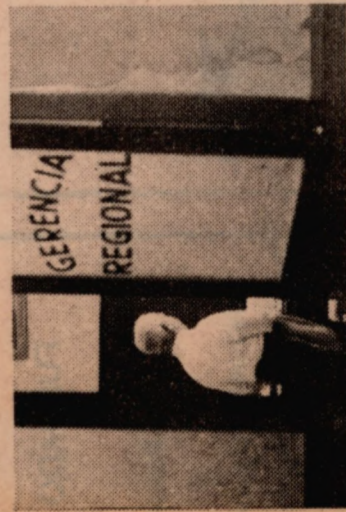
SA VESTIBULAR e de ensino superior, nº 50 anos. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 21 nov. 1938.



na mesma praça e no mesmo banco. há 60 anos

Pedro Estevam de Siqueira, o mais antigo bancário do Brasil, funcionário emérito do BANCO DO COMERCIO E INDUSTRIA DE SÃO PAULO. Bateu todos os recordes de permanência em seu posto: está no mesmo banco e na mesma praça, há 60 anos.

Seu cargo, nosso gerente regional em Campinas.



Tem a mesma idade do BCI. Ou, para sermos francos: é quatro meses mais moço. Mas, este Pedro não para. Não parou. Evoluiu com o Banco. O passado é uma lembrança, não uma idéia fixa. Mostra, com orgulho, a dinâmica realidade atual do BCI: 232 agências, centros eletrônicos de processamento, quase um milhão de clientes, mais de cinco mil funcionários. E mostra-se comovido quando lhe é dito que o Banco, na sua pessoa, quer homenagear a dedicação e o esforço destes milhares de colegas, dos quais a grande maioria jovem tem a idade dos seus filhos, dos seus netos.

Só depois de olhar em torno, olha para trás. Evoca o núcleo inicial do Banco: "Éramos cinco: gerente, contador, caixa, escriturário, contínuo".

Retratos antigos são desengavetados, espalham-se pela mesa as figuras pioneiras. Ele é o mais moço dentre todos, colarinho alto, paletó almofadinha, sua póse de rapaz. Mostra um quadro a óleo na parede.

Naquele tempo, o BCI funcionava num sobrado colonial, localizado no mesmo ponto onde, hoje, ergue-se o grande prédio da filial. No pavimento superior, exatamente onde agora é a sala do gerente Pedro, havia um quarto. E no quarto morava com dezenove anos e muitas esperanças, o escriturário Pedro. Ganhava, então, 150 mil réis por mês.

Quase o preço do cafezinho que nos oferece. Hoje, além de gerente regional, é acionista. "Tudo o que economizo ponho na casa". A casa. E como ele chama o Banco.

— Qual a sua maior alegria na casa?

— Quando o Banco resolveu negar-me aposentadoria.

É um homem de ação. Prova-o a decisão do Banco em não aposentá-lo e, ainda, um fato surpreendente que ele revela, sorrindo, para inveja do repórter: "Todos os domingos vou à Hípica. Montar a cavalo".

Tem 8 filhos, 21 netos, um bisneto.

Em música, os clássicos. Mas, não esconde o seu agrado "pelas coisas desse menino, o Chico Buarque". Seu gosto pelo futebol é



justificando em detalhes: sampaulino, escala o zagueiro Roberto Dias, depois de Pelé, como o maior craque brasileiro. Aprecia TV, sim, porém ainda prefere uma boa prosa a qualquer programa em exibição.

A boa prosa continua. Isto era para ser anúncio. Virou reportagem.



Pedro se exprime fluentemente, com firmeza. Mas, sem perder um tom de suavidade que todos os gerentes bancários do mundo deveriam aprender. E, além deste português campineiro, cheio de sotaque, ameno e amigo, conhece inglês e francês. Melhor o último, que aprendeu para servir ao Banco: "Éramos procuradores no Brasil do Crédit Lyonnais".

Gosta de ler. Cita os autores, os livros, comenta os estilos. "De todos prefiro o Eça. E, do Eça, prefiro "A Cidade e as Serras". Na arte, como na vida. Não é por acaso que está em Campinas, rodeado de serras, há tanto tempo.

Se fosse agora o mesmo rapaz de 1909? Pedro responde que começaria tudo de novo. Na mesma praça, Campinas. No mesmo banco, o Comercio e Industria.

Banco do Commercio e Industria de São Paulo S/A

- um amigo da família -
Fundado em 1889

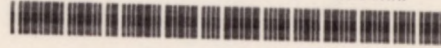
Matriz: Rua XV de Novembro, 289 - São Paulo --- 232 Agências em todo o País
Agência Central de Campinas: --- Rua General Osório, 1.043

NA MESMA praça e no mesmo banco, há 60 anos.

São Paulo, 21 nov. 1968.

Folha de S. Paulo.

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE031099

JFT 8.6.2.10-2

NA KUNA praga e no mane hano, hi 80 anos. Folha de S. Paulo.
São Paulo, 21 nov. 1968.

